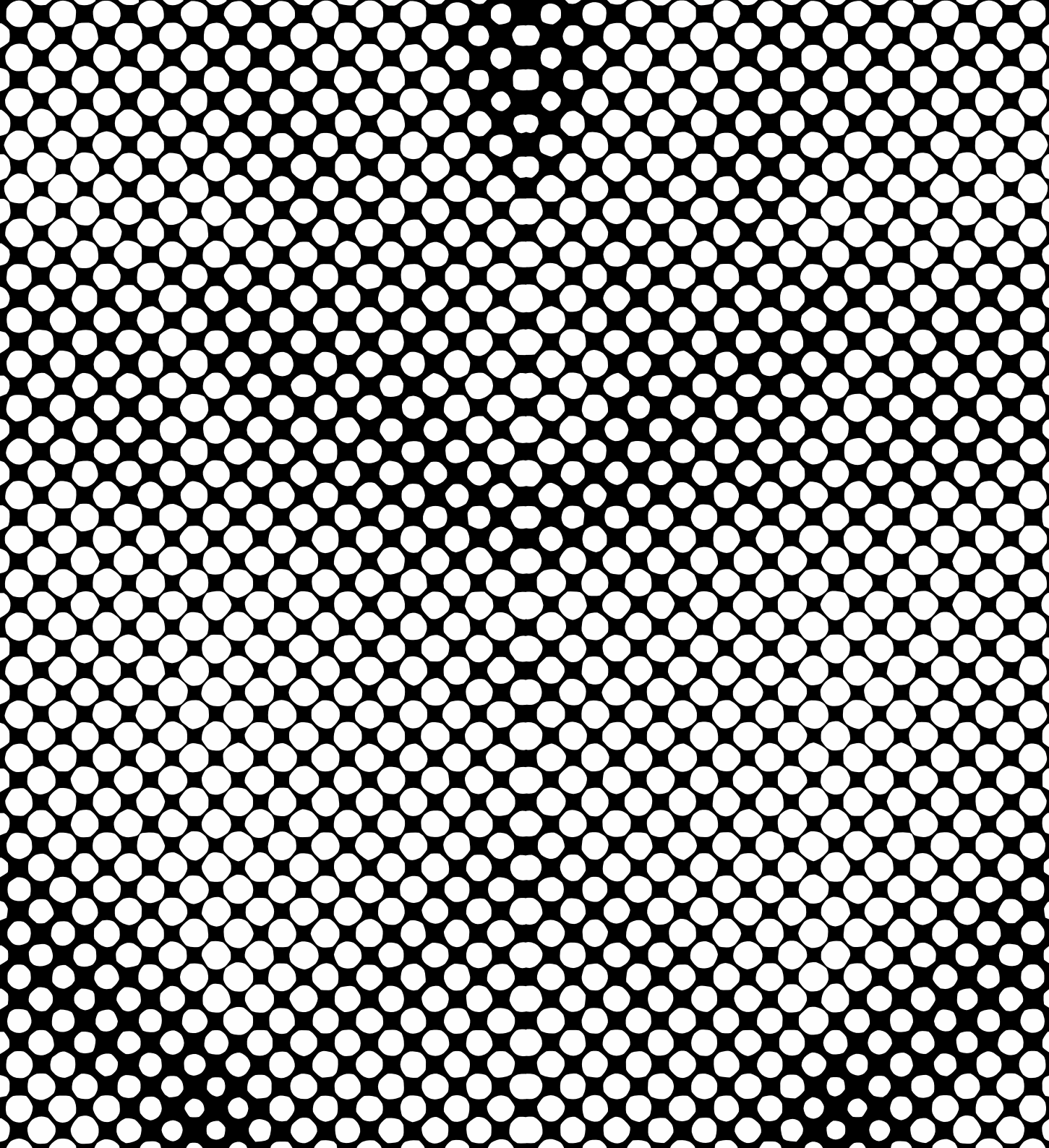




vista



santo do pau oco

à luz da nossa estação pagã os deuses e os mestres
capitularam a ponta dos lábios e a palma da mão
daqueles que ouviam enfim o sussurro das sombras
cobrindo as rachaduras e sulcos do asfalto no chão

e você estava assim, sentada por frente
da noite como a água salgada
da vista como a pia manchada
longa demais para ser tragada
breve demais para ser bebida

eu, por outro lado, não tinha nada
a não ser você como compasso
como um santo do pau oco que guardava
em cada conta do crucifixo um fracasso

aquela madrugada me mostrou
o buraco imenso dentro do seu peito
o rosário tenso pelo seu pescoço
o hiato eterno preso no seu corpo

foi a primeira vez que eu te vi chorar
não como uma santa mas como uma menina
fraca demais para a decadência do seu pai
forte demais para a memória da sua mãe
viva demais pra continuar
morta demais pra continuar

nos sentamos
e olhamos o céu
tinha uma parte que era minha
com estrelas grudadas no teto
e a outra parte era sua
que brilhava como a única lâmpada
debaixo do escuro de um cobertor

você deitou no meu ombro
e eu jurei que podia fechar os olhos
e ver os dias e noites passando por nós
acho que por um segundo eu pude
estar com você de verdade

por: miguel campanelli

Mise en Scène

ontem à noite eu sonhei
que estávamos à beira do mar
em um dia nublado
e ameno
você tirava a sua roupa
soltava ela no cascalho e
mergulhava nas águas escuras
e frias

quando acordei eu só conseguia pensar
em dezembro e o quanto cada dia passava
como a água suja manchando a rua alagada
como o corrimento entre as artérias da alma
seríamos como
dançarinos no escuro
com os olhos vendados
pelas máscaras que
vemos o outro vestir
e dançaríamos ao
som da nossa ignorância
ao som da nossa frustração
ao som da nossa *decadense*
nunca percebendo
as nossas sombras
correndo e fugindo
da luz



Cidade Destruída

eu quero poesia que faça você sentir a
opressão causada pelos prédios no ser
humano,
quero poesia que faça você sentir cada
rachadura e cada mancha nas casas,
quero poesia que faça você ver todas as
pichações da cidade,
quero poesia que faça você ouvir e sentir
todo o delírio das frequências graves do
barulho dos carros,
quero poesia que seja uma com a cidade
destruída.

destruição

Eu vi um cara de fuzil
num corredor cheio de
casinhas de tijolos
Fumaça de maconha
Cheiro forte de maconha queimando

Eu segui o coelho branco
Centopéias vertem
do seu ventre
onde um milhão de
homens já passaram

concreto e plantas brigam
por espaço entre o vento

O homem veio com uma arma
e eu só queria ver as estrelas
Eu senti cheiro de cigarro
Um cigarro após o outro
O pulmão incomoda
Parado no tempo

As placas das ruas
já não me dizem mais nada
As aves não gorjeiam
Elas choram e gritam por entre os prédios .

O Outro

Sombras em impermanência
Dançam com as pupilas dilatadas
Se acabando em 3,4-
metilenodioximetanfemina
em loucuras infindas
a realidade do sono já escapou entre
seus dedos
tal qual a areia, tal qual o tempo
Dia e noite já perderam o sentido
completamente
Apenas dançam e dançam e dançam e
dançam.
Sombras de óculos escuro e pirulito
na boca
Se perdem na noite que é dia
e no dia que é noite
A lógica do tempo já se perdeu.

por: joão p. g. lagden



justo gesto

meu desejo manifesto
perdido em pesadelos
é não mais vê-los

creio justo gesto
mesmo não sendo honesto
que não faço por merecê-los
muito menos de querê-los

pois não perco o resto
de ingênua esperança
de cada dia ganhar o pão que
a casa levo

sem cair na intemperança
porque sei que posso
mas que não devo

por: manuela rocha

um par ímpar

ir além dos braços
no abraço
tecer e ser tecido
pulverizar-se
no enlaçar-se

deixar de existir como indivíduo
passando a existir dentro do outro
abrir-se ao estranho
abismando-se no outro
reconhecer a alteridade
sem perder a própria identidade
aprender a gerir um corpo alheio
sabendo guiar o próprio corpo
ir da superfície mais visível
até o escuro âmago invisível
tocando lá no fundo a alma
ouvir dessa junção pulsante de
espírito e matéria
foco de felicidade e sofrimento
seus ecos festivos e lúgubres
saber o que fazer
mesmo sem saber que sabe
e então fazer



por manuela rocha

com poemas de miguel campanelli,
joão p. g. lagden &
manuela rocha

© Bukkake 2025